
Olhar exploratório sobre a subcultura furry no Brasil⁹⁶

Exploratory look at the furry subculture in Brazil

Artur Quaglio Arçon⁹⁷

RESUMO

O artigo desenvolve um panorama histórico e contextual da subcultura furry. No caso brasileiro, indaga-se se há uma representação midiática negativa dos furries, como ocorre nos Estados Unidos. A partir de um conjunto de reportagens midiáticas coletadas para a análise, conclui-se que isso não tem acontecido, o que se pode explicar por características culturais do país e também pela presença até certo ponto limitada da subcultura furry no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Furry; Subculturas; Representação midiática.

ABSTRACT

The article develops a historical and contextual overview of the furry subculture. In the Brazilian case, it is questioned whether there is a negative media representation of furries, as it happens in the United States. From a set of media reports collected for the analysis, it is concluded that this does not happen. It can be explained by cultural characteristics of the country and also by the limited presence of the furry subculture in Brazil.

KEYWORDS: Furry; Subcultures; Media representation.

INTRODUÇÃO

Furry é uma subcultura largamente baseada na Internet que gira em torno de arte antropozoomórfica. É comumente chamada de *furry fandom*, apesar de não ser de fato um fandom, visto que os furries não se congregam pelo gosto por uma obra ficcional.

Um dos aspectos mais universais da subcultura furry são as *fursonas*: mais de 70% dos furries têm ou já tiveram uma (PLANTE et al., 2016, p. 70). Fursonas, como o termo sugere, são personas, avatares, criadas pelos furries para representá-los em uma realidade alternativa.

⁹⁶ A versão inicial deste artigo foi apresentada como trabalho final da disciplina Teoria e Método de Pesquisa em Comunicação, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), ministrada pelo Prof. Dr. Richard Romancini.

⁹⁷ Estudante do Curso de Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), e-mail: artur.arcon@usp.br

Têm personalidade e características próprias e independentes das do indivíduo que representam, e tendem a ser uma representação de um eu ideal (PLANTE et al., 2016, p. 74-76). Muitos adeptos da prática escrevem e desenham folhas de referência para suas fursonas⁹⁸, e se expressam através delas em salas de role-play e durante o *fursuiting*.

Fursuiting é uma prática na qual seus adeptos, denominados *fursuiters*, vestem “fantasias” de sua fursona, chamadas de *fursuit*. Estas podem ser completas – cobrem da cabeça aos pés, são feitas sob medida e os preços podem atingir a casa dos milhares de dólares⁹⁹ – ou parciais – constituídas apenas por uma cabeça ou por tiaras com orelhas, caudas, asas e outros acessórios zoomórficos. Quando estão vestidos, os *fursuiters* assumem a personalidade de sua fursona, de forma semelhante aos cosplayers. Nota-se que a maioria dos *furries* não pratica *fursuiting* (PLANTE et al., 2016, p. 34-36).

Apesar de não ser unânime, grande parte da subcultura também demonstra interesse por pornografia *furry* (PLANTE et al., 2016, p. 93), popularmente chamada de *yiff*.

Na Internet, os lugares onde os *furries* se congregam com mais frequência mudam com o tempo. Atualmente, a subcultura se concentra com mais intensidade em servidores do Discord (um serviço de salas de bate-papo privadas) e em grupos do Telegram, além do Twitter. Nesses ambientes, em especial nos dois primeiros, há uma predominância de conversas casuais – nem sempre dentro do tópico do antropozoomorfismo – e de sessões de role-play, mais comumente realizadas através de mensagens diretas quando de cunho sexual. Há também diversas redes sociais devotadas apenas à exposição, compartilhamento e venda de arte *furry*, como Fur Affinity, Inkbunny e SoFurry, apesar de larga parte dos artistas também terem presença em sites voltados ao público geral, como Twitter, DeviantArt e Tumblr. Há também sites majoritariamente voltados para a pornografia *furry*, como o e621, um *imageboard* de grande tráfego, e o F-List, um site dedicado ao role-play erótico.

Há grande intersecção dos *furries* com os *teriantropos* e *otherkins*, que se autodefinem como seres diferentes de sua espécie biológica, geralmente devido a uma alegada ligação espiritual. *Teriantropos* se definem como outros animais, enquanto os *otherkins*, como

⁹⁸ Um exemplo de folha de referência pode ser visto em: <https://www.deviantart.com/nuclearstarspill/art/Cash-Fursona-Reference-Sheet-656735640>.

⁹⁹ As *fursuits* da grife Beetlecat, por exemplo, custam em média entre cinco e sete mil dólares. Para mais informações, ver <http://www.beetlecatoriginals.com/>.

criaturas místicas e/ou ficcionais, e.g. elfos e dragões. Embora por vezes sejam confundidos com furies ou vistos como um subgrupo – são, por exemplo, classificados como furies de identidade “distorcida (eles se consideram ser menos que 100% humanos – mas são objetivamente humanos)”, por Gerbasi et al. (2008, p. 214) –, não necessariamente fazem parte da subcultura furry.

1. JUSTIFICATIVAS E OBJETIVOS DA PESQUISA

Desde a publicação de *The Sociology of Furry Fandom* (RUST, 2000), o primeiro estudo sociológico a tratar sobre furies, essa subcultura é regularmente pesquisada no âmbito acadêmico nos contextos dos Estados Unidos e da Europa – o trabalho de Gallardo (2013) sobre a identidade dos furies, ao revisar a literatura, oferece um exemplo disso. Porém, até o momento, a situação no Brasil é diferente. Apesar desta prática cultural possuir adeptos no país, estudos de investigadores locais sobre furry são poucos – entre eles, o trabalho de Nunes (2016), que relaciona as “cenas cosplay e furry” à memória e ao consumo.

Nesta pesquisa adota-se uma abordagem panorâmica e exploratória, em termos de uma questão midiática considerada importante. Quanto ao primeiro ponto, buscamos, com o apoio de pesquisa bibliográfica, expor características gerais da subcultura furry, incluindo elementos de sua existência atual no Brasil. O caráter exploratório relaciona-se à indagação de pesquisa empírica do trabalho, com respeito ao universo midiático local e à subcultura: encontram-se, também, no Brasil, olhares preconceituosos da mídia em relação aos furies? Tal indagação comparativa respalda-se em observações, como a de Plante et al. (2016, p. 137):

Existem numerosos estereótipos negativos sobre os furies, muitas vezes perpetuados por retratos negativos ou enviesados dos furies, pela mídia, como desviantes sexuais, socialmente desajustados ou pessoas com um fetiche incomum (e.g., fursuits) ou, em alguns contextos, ilegais (e.g., bestialidade).

Neste artigo, são analisadas todas as reportagens encontradas produzidas no Brasil e publicadas até 2018 sobre a subcultura furry. Para fins comparativos, também são analisadas

as duas representações da subcultura furry na *mass media* estadunidense consideradas de maior influência (GERBASI et al., 2008, p. 198-199).

2. FURRY: CONTEXTO E HISTÓRIA

2.1 No mundo

Apesar de ter surgido da forma que conhecemos durante a década de 1980, a subcultura furry tem suas raízes na *funny animal fandom* (i.e., os apreciadores dos quadrinhos e desenhos animados das chamadas eras de ouro e prata dessas artes, envolvendo diferentes animais), hoje largamente incorporada à subcultura mais recente¹⁰⁰. A *funny animal fandom* tem início nas primeiras décadas do século XX, com o boom das animações, que, posteriormente, passariam a ser veiculadas também na televisão, muitas vezes no formato de séries para o público infantil. No período pós-guerra, sociedade e arte ampliam suas abordagens. Em 1965, Robert Crumb publica a série de quadrinhos *O Gato Fritz*, protagonizada pelo epônimo gato antropomórfico, que mistura humor, erotismo e narrativa policial¹⁰¹. Os novos usos de animais antropomórficos na cultura pop tornaram-se impróprios para a *funny animal fandom*, e se iniciara a separação entre ela e o que posteriormente seria a subcultura furry.

A partir de 1976, a *Funny Animal Liberation Front*, uma associação amadora de imprensa, passou a lançar um fanzine, *Vootie*, contendo diversas séries e novelas em quadrinhos antropozoomórficos voltados ao público adulto. No ano seguinte, com a criação da *Cartoon/Fantasy Organization (C/FO)*, um fã-club de anime, em Los Angeles, surgiu o embrião do que viria a ser considerado o primeiro fã-club furry.

Durante os anos de 1980, aprofundam-se as conexões entre furries e a ficção científica. A série de quadrinhos *Erma Felna* (1980), de Steve Gallacci, na qual uma felina antropomórfica participa de uma guerra intergaláctica futurista, destaca-se nesse contexto. Mais tarde, a discussão de obras adultas desse tipo nas convenções de ficção científica se torna comum.

¹⁰⁰ Nesta seção, todos os itens sem citação foram retirados das páginas de história da subcultura da WikiFur, disponíveis em <http://en.wikifur.com/wiki/Category:History>. ou, quando tratam da história furry brasileira, da versão lusófona da WikiFur, disponível em <http://pt.wikifur.com/>.

¹⁰¹ O personagem de Crumb foi adaptado para o cinema em 1972, e a obra recebeu a classificação “X” de censura, o que nunca havia ocorrido para uma animação.

É do início da década de 1980, também, a convergência entre a furry e a nascente cultura digital, com o uso de servidores BBS para discussões ligadas à subcultura, prática que ganharia força e se tornaria comum ao longo dos anos (assim como as sessões de role-play em computadores). Em meados dos anos de 1980, as reuniões e festas dos fãs também têm início.

Em 1989, é realizada, em Costa Mesa, Califórnia, a primeira convenção furry do mundo (com edições até 2003), a ConFurence, com 65 participantes. Esta acabou por tornar-se um evento anual. Em 1995 se realiza a primeira edição da Eurofurence numa fazenda alemã, a primeira convenção furry da Europa, com dezenove pessoas. No mesmo ano, é fundada a YiffNet¹⁰², primeira rede de IRC (servidores com canais de bate-papo) voltada ao público furry. Em 2005, é lançado o Fur Affinity, o site furry mais ativo do mundo¹⁰³.

No Brasil, o Furry Brasil, fórum de discussão fundado por membros do grupo do Yahoo! furry.br, é criado em 2001, e três anos depois é publicada a primeira edição da *Fauna Urbana*, fanzine furry brasileira que teve quatro edições e retornaria no formato digital como portal de notícias em 2009 (atualmente fora do ar). Outros pontos importantes da história da subcultura furry no Brasil, relativos a encontros, serão tratados a seguir, a partir de pesquisa bibliográfica¹⁰⁴ e observações de espaços digitais.

2.2 No Brasil

A presença da subcultura furry no Brasil como grupo organizado é descontínua. Houve tentativas de criação de fóruns furries lusófonos, mas o que aparenta ser o único a sobreviver, o Furry Brasil, aberto desde 2001, sofre com spam e falta de atividade legítima¹⁰⁵.

O Fauna Urbana, outrora muito movimentado, hoje se resume a uma página de Facebook pouco atualizada. Ainda assim, há ao menos um grupo brasileiro furry no Facebook

¹⁰² Apesar do nome, a YiffNet não era majoritariamente de cunho pornográfico. O termo “yiff” surgiu em 1990 no FurryMUCK (jogo de computador de role-play para múltiplos participantes) como uma expressão de alegria e cordialidade e só ganharia conotação sexual anos depois.

¹⁰³ Sua posição no ranking global Alexa para junho de 2018 é 1326º, acima das posições do e621 (1391º), Paheal (1538º), Inkbunny (10633º), SoFurry (32805º) e Weasyl (54265º).

¹⁰⁴ Nesse caso, informações não citadas sobre a história furry brasileira foram retiradas da versão lusófona da WikiFur, disponível em <http://pt.wikifur.com/>.

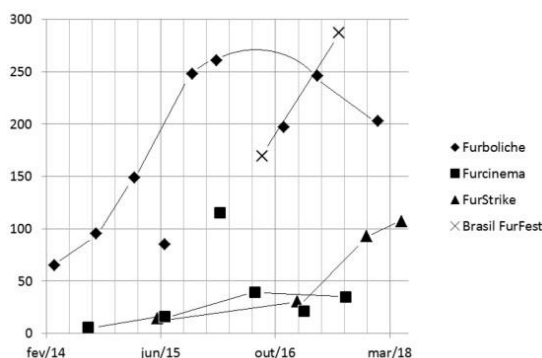
¹⁰⁵ Disponível em <http://www.furrybrasil.com.br/>.

que ainda tem atividade diária, o Furry Fandom Brasil, com uma média de 20 posts diários. Criado em 2013, tem hoje mais de 3700 usuários – a grande maioria deles, porém, inativa¹⁰⁶.

2.2.1 Os eventos

Há vários eventos furrries realizados no Brasil, mas a grande maioria recebe poucos visitantes. Foram coletados dados de eventos que chegaram a atingir 100 visitantes em ao menos uma edição, para dar um panorama da prática recente no país, conforme se vê a seguir.

Gráfico 1. Número de participantes nos principais eventos furrries no Brasil



Fonte: Elaboração do autor.

Nota: não foram divulgados números da 7ª edição do Furcinema, realizada em 25 de março de 2018.

O mais antigo dos eventos furrries brasileiros ativos é o *Furboliche*, realizado em pistas de boliche na Grande São Paulo, tendo como inspiração os encontros desse tipo do exterior. Fora os jogos de boliche, o encontro promove um concurso de fursuit. Teve sua primeira edição em março de 2014 no Central Plaza Shopping, na Vila Prudente, e desde 2015 é realizado em São Bernardo do Campo. Iniciado como um evento semestral, passou a ser anual a partir de sua sétima edição, realizada em abril de 2017.

A *Brasil FurFest*, organizada pela mesma equipe do Furboliche, é a única convenção brasileira ativa de vários dias. Ocorre no Mercure Santos Hotel, no litoral paulista, e é o maior evento furry da América Latina: sua 2ª edição, em 2017, recebeu 287 participantes, dos quais

¹⁰⁶ Dados disponíveis em <https://www.facebook.com/groups/FurryFandomBrasil/>. Houve tentativa de realizar contato com o grupo Furry Fandom Brasil, mas não foi obtido sucesso.

120 trajavam fursuit. O evento dura três dias e tem atrações como bazar, espaço de artistas, parada de fursuits, competição de dança, painéis e workshops de arte, sala de jogos e balada. É o único evento furry brasileiro filiado à Furry Convention Leadership Roundtable (FCLR), organização internacional de convenções furry. Foi criada após o anúncio da descontinuidade do Abando em 2016, então a mais antiga e tradicional convenção furry do Brasil.

O *FurStrike*, inspirado no Furboliche, é o único evento brasileiro de fora de São Paulo que chegou a atingir a marca de 100 visitantes. Sediado no Rio de Janeiro, teve sua primeira edição no Norte Shopping, no bairro do Cachambi, e suas edições subsequentes no Barra Shopping. Foi fundado por frequentadores de uma pequena convenção da cidade, a FurAnime, também conhecida por FurRAC, logo após a descontinuidade desta.

O *Furcinema*, criado em 2014, foi um evento baseado em São Paulo cujos participantes se reuniam para assistir a um filme juntos em um cinema. Teve suas duas primeiras edições no Shopping Eldorado, em Pinheiros, e suas outras cinco edições no Shopping Metrô Santa Cruz, na Vila Mariana. Em 2018, a convenção foi descontinuada devido ao fim da parceria do evento com o cinema que o hospedava.

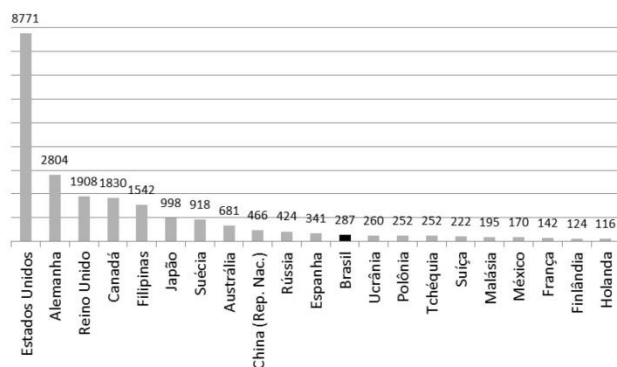
Como mostram os dados do Gráfico 1, apesar de ser pequena, a subcultura furry brasileira apresenta uma tendência de crescimento nos últimos anos: as maiores convenções de São Paulo e Rio de Janeiro têm aumento de participação, enquanto a tendência decrescente do Furboliche pode ser explicada pelo surgimento da Brasil FurFest, que suplanta o Furboliche como principal evento furry paulista pela presença de atrações mais variadas.

Ainda assim, o Brasil está longe de ter uma grande presença de furies. A 2ª edição da Brasil FurFest, tão alta no gráfico nacional, é uma mera migalha no cenário internacional: a maior convenção do mundo, a Midwest FurFest¹⁰⁷, sediada em Rosemont, Illinois, nos Estados Unidos, teve em 2017 mais de 30 vezes o número de participantes da Brasil FurFest no mesmo ano – na realidade, a primeira e menor edição da convenção estadunidense, ocorrida em 2000, teve mais participantes que a maior e mais recente edição da brasileira.

Para efeito de comparação, o Gráfico 2 mostra o número de participantes de eventos furry no Brasil e em outros países cuja maior convenção atingiu a marca de 100 participantes.

¹⁰⁷ Apesar da semelhança dos nomes, a Midwest FurFest e a Brasil FurFest não têm qualquer relação de afiliação, salvo o fato de ambas serem membros da FCLR.

Número de participantes do maior evento furry por país



Fonte: Elaboração do autor.

Tendo apresentado uma história da subcultura furry no mundo e no Brasil, com uma contextualização da prática atual no país, na sequência iremos discutir a representação midiática da subcultura.

3. A COBERTURA MIDIÁTICA DOS FURRIES

Como se disse antes, a representação dos furies na mídia internacional, por vezes, propaga estereótipos negativos. Assim, nos Estados Unidos, a primeira menção a furies na *mass media* foi em um longo artigo, de março de 2001, da revista *Vanity Fair*, cobrindo a Midwest FurFest. Apesar de o jornalista ter sido bem recebido pelos participantes, o artigo assumiu uma posição ligeiramente negativa em relação à subcultura (GURLEY, 2001). Piorando a situação, dois anos depois iria ao ar um episódio da 4ª temporada de *CSI: Crime Scene Investigation* cujo enredo gira em torno de uma convenção furry, retratada na série como uma festa parafilica culminando em orgias (CBS, 2003). Esse foi o primeiro contato que muitos estadunidenses tiveram com furies. Por causa dessas coberturas, os furies dos Estados Unidos tendem a ser, hoje, ressabiados quanto à presença da mídia em convenções (GERBASI et al., 2008, p. 198-199).

Já no Brasil, conforme nossa investigação, a primeira matéria jornalística sobre furies parece ter sido uma cobertura do Furbolicho de Férias – Santos 2015¹⁰⁸, feita pelo programa *Crônicas del Brasil* da TV venezuelana teleSUR (REPORTAGEM, 2015). Sua representação da subcultura e do evento foi largamente positiva.

A primeira edição do Brasil FurFest, em 2016, por sua vez, foi a primeira a gerar cobertura da mídia local, com uma reportagem no jornal impresso *A Tribuna*, o de maior circulação da cidade de Santos (MIRANDA, 2016); uma notícia de três minutos no *Balanço Geral SP Litoral*, transmitido pela TV Record Santos (BALANÇO GERAL SP LITORAL, 2016), e um longo artigo da *VICE* (DECLERCQ, 2016)¹⁰⁹. Apesar de a subcultura ter sido descrita como “amantes de bichos de pelúcia” pel’*A Tribuna*, as três reportagens foram positivas em relação aos furies, e os pedestres que passeavam pela orla durante o desfile de fursuits entrevistados pelo *Balanço Geral* e pela *VICE* exibiram reação positiva. O artigo da *VICE*, ademais, foi o primeiro a mencionar a existência de yiff, ainda assim sem trazer juízo de valor: “‘Yiff’ é um termo guarda-chuva usado para designar a parte sexual do furry fandom [...] e é usado também para descrever o sexo entre dois furies. ‘O yiff são coisas sensuais pra cima. É tipo uma pornografia do fandom’, explica Patsy” (DECLERCQ, 2016).

No ano seguinte, a *VICE* novamente fez a cobertura de um evento furry brasileiro, a sétima edição do Furbolicho, em São Bernardo do Campo, e, mais uma vez, o viés da revista foi positivo em relação à subcultura (DECLERCQ, 2017).

Em junho de 2017, a coluna “Fetichê” do *iG Delas*, revista eletrônica feminina do portal iG, fez uma reportagem sobre o lado parafílico da subcultura (WERNECK, 2017). A coluna citou, inclusive, o artigo da *Vanity Fair* e o episódio de *CSI* mencionados, mas o fez em luz positiva para com o fetichê, descrevendo-o como um grande equalizador entre os praticantes graças à liberdade de expressão e relativa anonimidade dadas pelo uso da fursuit.

Um mês após a publicação da coluna do *iG Delas*, o *Balanço Geral SP* – desta vez em sua edição estadual – levou ao ar uma reportagem de cerca de seis minutos acompanhando um

¹⁰⁸ Esta edição do Furbolicho teve muito menor comparecimento que as duas adjacentes por ter sido em local afastado da cidade de São Paulo.

¹⁰⁹ O repórter Gus Lanzetta também esteve presente no evento e publicou sua cobertura no podcast *Papo Torto*, do *Estadão*, que apresenta ao lado de PC Siqueira. Infelizmente, o episódio em questão (“#23: A minha fursua é uma acelga”) não está mais disponível online.

grupo de fursuiters em frente ao Parque Trianon, em São Paulo, e recebeu três dos organizadores da Brasil FurFest no estúdio. Apesar de seu tom sensacionalista e da estranheza sentida por alguns transeuntes entrevistados, a cobertura do programa foi novamente positiva em relação à subcultura (BALANÇO GERAL SP, 2017).

Por fim, em setembro de 2017, o *Jornal da Tribuna*, da TV Tribuna, afiliada da Rede Globo na Baixada Santista, fez uma breve cobertura da Brasil FurFest em reportagem que também cobriu um festival de tecnologia que ocorrera em São Vicente. Sua reação ao evento também foi positiva (JORNAL DA TRIBUNA, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscamos realizar um panorama histórico e contextual da subcultura furry. No caso brasileiro, indagamos se há uma representação midiática negativa dos furies. A partir dos dados, pode-se concluir que, pelo menos até o momento, não. Há, assim, discrepância com relação a outros contextos, como o dos Estados Unidos. Isso talvez evidencie o quão puritana a sociedade estadunidense é quando comparada à brasileira. Porém, outro aspecto destacado também pode explicar esse achado: o fato de que a escala (e a visibilidade/cobertura) das práticas furry no Brasil não é tão grande quanto em outros países.

REFERÊNCIAS

BALANÇO Geral SP Litoral. Produção: TV Record Santos. Santos, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7AXn-2wRWY>.

BALANÇO Geral SP. Produção: RecordTV. São Paulo, 14 jul. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=thCtnHncSdA>.

CSI: Crime Scene Investigation. **S04E05: Fur and Loathing**. Direção: Richard J. Lewis. Roteiro: Jerry Stahl. Nova York, NY: CBS, 2003.

DECLERCQ, Marie. Jogando boliche com os furies brasileiros. **VICE**, São Paulo, 8 maio 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2TCufSq>.

DECLERCQ, Marie. Peludos em Santos, como foi a convenção furry do Brasil. **VICE** (Online), 22 set. 2016. Disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/aew974/furry-fandom-convencao-brasil.

GALLARDO LINARES, Francisco Javier. Construcción de la identidad furry. **Intersticios: Revista Sociológica de Pensamiento Crítico**, Madrid, v. 7, n. 1, p. 141-154, 2013.

GERBASI, Kathleen C. et al. Furies from A to Z (Anthropomorphism to Zoomorphism). **Society and Animals**, Leida, v. 16, n. 3, p. 197-222, 2008.

GURGLEY, George. Pleasures of the Fur. **Vanity Fair** (Online), mar. 2001. Disponível em: <https://www.vanityfair.com/culture/2001/03/furies200103>.

JORNAL da Tribuna (Online). Produção: TV Tribuna. Santos, 28 ago. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QDTk6qYJels>.

MIRANDA, Gustavo T. de. Amantes de bichos de pelúcia se fantasiam em festival internacional em Santos. **A Tribuna** (Online), Santos, 10 set. 2016. Disponível em: <https://glo.bo/2O3pJWO>

NUNES, Mônica. Memória, consumo e memes de afeto nas cenas cosplay e furry. **Contracampo**, Niterói, v. 35, n. 1, p. 142-162, abr./jul. 2016.

PLANTE, Courtney N. et al. **FurScience!**: a summary of five years of research from the International Anthropomorphic Research Project. Waterloo, ON: FurScience, 2016.

REPORTAGEM sobre fursuit. Produção: Terruá Filmes. Distribuição: teleSUR. [Caracas], 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I06Ov4MtjJk>

RUST, David J. **The Sociology of Furry Fandom**. [S.l.], 2000. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20120303084029/http://www.visi.com/~phantos/furrysoc.html>

WERNECK, Heitor. Fetiche da fofura? Sim, ele existe e é chamado de “furry”; conheça. **iG Delas** (Online), 5 jun. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2u98eeT>.